

Ciência e Ambiente Biodiversidade

O documentário mais caro de Portugal é dedicado ao lince-ibérico e ao montado

Entre Portugal e Espanha, este documentário expõe aos olhos humanos a vida que se esconde na tranquilidade dos montados. Para filmar os esquivos lincos-ibéricos, foi preciso ficar “semanas e semanas à espera deles”, conta o realizador

Claudia Carvalho Silva

É uma visita guiada às muitas formas de vida que se escondem no montado alentejano e espanhol: desde as flores que brotam aos guarda-rios que mergulham para pescar ou aos lincos-ibéricos que brincam com os seus irmãos. “O montado é possivelmente o lugar com mais biodiversidade da Europa e que é exclusivo da Península Ibérica”, conta ao PÚBLICO o realizador do documentário *Montado – O Bosque do Lince-Ibérico*, Joaquín Gutiérrez Acha. “É um ecossistema absolutamente único.” O documentário narrado pela actriz portuguesa Joana Seixas chega amanhã às salas de cinema portuguesas.

Que não se vá ao engano: nem só de lincos fala o documentário. Este é um filme dedicado ao montado e há também espaço para os outros animais que ali vivem, como as lontras, os guarda-rios, os coelhos-bravos, abutres, raposas, aranhas-caranguejo, sacarrabos, e até para árvores e plantas como o sobreiro ou a erva-viperina (soagem). Fala-se de pragas e de seca (mas também de alterações climáticas) e de como se teme que os próximos anos possam “abrir as portas ao avanço do deserto”.

Este é o documentário com maior orçamento até à data em Portugal, com cerca de quatro milhões de

euros investidos na sua realização, segundo um comunicado da distribuidora do filme, Zero em Comportamento. O montado é considerado “um dos grandes santuários naturais”, albergando mais de 200 espécies, e o filme surge na sequência da candidatura do montado a património mundial da UNESCO. Estas planícies onduladas pintalgadas com sobreiros e azinheiras estão inscritas como paisagem cultural na lista Indicativa portuguesa.

Neste documentário, faz-se uma “viagem imersiva” ao bosque ancestral que foi sendo moldado pelos humanos na Idade Média. “Ao longo dos séculos, usando o fogo e o gado para moldar a natureza às suas necessidades, os homens e mulheres da Ibéria fizeram surgir uma nova paisagem”: o montado. É o que se ouve nos segundos iniciais do filme.

4

milhões de euros foram investidos na realização deste documentário, segundo a distribuidora do filme, a Zero em Comportamento

é também nestas paisagens que os lincos-ibéricos costumam vagar. Os lincos gostam sobretudo de zonas florestais, como arvoredos, bosques e pastagens. Também gostam de se passear e caçar nos montados, ainda que se escondam de seguida por serem territórios muito abertos.

Um felino ameaçado

E são os lincos que servem de subtítulo a este documentário (*Montado – O Bosque do Lince-Ibérico*). “É um animal que tem uma importância tremenda”, justifica o realizador Joaquín Gutiérrez Acha, dizendo que o lince-ibérico é o felino mais ameaçado do mundo. “Os especialistas ainda não consideram que o lince esteja salvo da extinção. Estão a trabalhar nisso, mas ainda é muito delicado.”

A população de lince-ibérico tem vindo a aumentar nos últimos anos, mas na década de 1990 esta espécie esteve perto da extinção: eram menos de uma centena entre Portugal e Espanha. Agora, depois de vários programas de recuperação, existem cerca de 1300 lincos na Península Ibérica. Segundo o último balanço, existem 209 lincos-ibéricos em Portugal, com 70 crias nascidas em 2021.

Apesar das boas notícias, ainda é difícil encontrá-los em lugar selvagem. “É muito difícil encontrar os



O montado, habitat do lince-ibérico (em cima à direita), mas também de muita outra biodiversidade, como o guarda-rios (ao lado à esquerda) e o coelho-bravo (em baixo)

“Temos câmaras de alta velocidade para poder visualizar tudo o que os humanos não conseguem ver por ser tão rápido”

Joaquín Gutiérrez Acha
Realizador do documentário

lincos porque se escondem de nós, mas também porque são muito poucos”, explica o realizador de 63 anos. “Podemos estar semanas e semanas à espera deles, são muito esquivos”, observa. Mas quando os apanham em câmara, há “momentos dramáticos e espectaculares”. No documentário, um desses momentos é quando duas crias e duas fêmeas de lince lutam entre si.

Este é o filme que se enquadra numa trilogia com outros habitats representativos da Península Ibérica: antes, o realizador espanhol explorou as regiões de *Guadalquivir* (2013) e *Cantábrico* (2017), nomeados para os Prémios Goya de cinema espanhol de Melhor Documentário.

Para concluir o filme *Montado*, foram precisos cerca de dois anos de rodagem com seis meses de pós-produção, conta o realizador, que considera ser um tempo normal para este género de filme. “Foi muito esforço e tivemos de ter as melhores ferramentas que têm todos os documentalistas de natureza: a paciência e a perseverança”, brinca.

A tecnologia também ajuda. “Temos câmaras de alta velocidade para poder visualizar tudo o que os humanos não conseguem ver por ser tão rápido”, diz, mas também formas de ver em poucos segundos aquilo que levaria dias, como uma



Três perguntas a Joaquín Gutiérrez Acha

O que mais o fascina no montado?

É ver que é um território que aparenta estar vazio com árvores, pastos, ovelhas e nada mais. É esta a imagem doce e tranquila que nos vem à mente: não se vê nada. Mas, quando o homem se retira, é quando começa a aparecer tudo. Toda a fauna escondida, animais que surgem para acasalar ou caçar, tudo se torna um campo de batalha. Há animais que desaparecem, há lincos que vão caçar coelhos e os coelhos escondem-se sabe-se lá onde debaixo de terra. E, no final, é um paraíso. Que aparentemente estava vazio. E é esse mesmo o nosso trabalho: tirar o tempo necessário para poder mostrar às pessoas que não está vazio. Está repleto de animais. O nosso trabalho é mostrar aquilo que não se vê quando passamos pela natureza.

Como vê a presença humana na natureza?

Mal. A nível planetário, é uma das causas para a regressão das espécies. Muitos animais ficam em risco de extinção porque ficam sem território. Somos



cada vez mais na Terra e vamos roubando terreno à natureza para os nossos fins. Seja em Portugal ou em Espanha, a quantidade de incêndios que houve afectou os habitats de animais e plantas. O homem moldou este bosque mediterrânico para o seu uso e os animais foram-se adaptando e havia uma cordialidade, um contrato firmado: eu protejo-te e tu proteges-me a mim. Agora, este contrato está rompido. **E no terreno tem notado os efeitos das alterações do clima, sobretudo no montado?**

Sim. E um dos factores que estão a afectar o montado. Há um problema que mencionamos neste filme que é a seca. Já não é só isso: está a acontecer por vários factores. Mostramos o que acontece à madeira por dentro quando há pragas que fazem com que as árvores não possam “comer” [através das raízes] e há uma seca brutal. As altas temperaturas são devidas às alterações climáticas. As ondas de calor que temos vivido nestas semanas com 40 graus também. E como será daqui a cinco anos? Temos de fazer esta reflexão. Poderemos sobreviver? É um assunto muito sério, mas não somos capazes de pensar a médio prazo. Dentro de uns anos, estaremos metidos nestes efeitos mais duros das alterações climáticas. Ainda podemos mudar, mas há quem diga que é uma situação de não retorno. **C.C.S.**

flor a brotar. Além disso, usam-se câmaras à distância para perceber quais as rotinas dos animais e para poderem ser filmados, assim como câmaras com disfarces para não afugentar os protagonistas selvagens.

Este documentário foi produzido pela Ulbar filmes, em co-produção com La Dehesa Producciones, Wanda Films e Wanda Visión, com a participação da RTP e com o financiamento do Governo de Espanha e o Instituto de Cinematografia e Artes Audiovisuais de Espanha, assim como da República Portuguesa, do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e do P1c Portugal.

A longa-metragem documental já se estreou em Espanha em 2020, em plena pandemia. “Por compromissos contratuais teve de ir para os cinemas à mesma”, explica o realizador espanhol. Só que “ninguém se atrevia a ir ao cinema, era visto como um foco de contágio”. Então recorreram à televisão. Aí, “foi um êxito absoluto”, recorda Joaquín Gutiérrez Acha.

“A audiência em televisão foi magnífica e estamos muito contentes pela resposta” – e a obra também foi nomeada para os Prémios Goya de Melhor Documentário e escolhido como um dos melhores filmes desse ano. E, mesmo que Portugal e Espanha não tenham muita “cultura do documentário”, o realizador acredita que estas obras são importantes para dar a conhecer a natureza que nos rodeia e a importância de a conservar.

azul.
Saiba mais sobre ambiente em publico.pt/azul